

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CIBELE BIBIANA CASSOL RIZZI

**ADOLESCÊNCIA: O RISCO DE CRESCER
ENTRE ENDEREÇAMENTOS E POSSIBILIDADES DE ENCONTROS**

Porto Alegre

2017

CIBELE BIBIANA CASSOL RIZZI

**ADOLESCÊNCIA: O RISCO DE CRESCER
ENTRE ENDEREÇAMENTOS E POSSIBILIDADES DE ENCONTROS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, no curso Intervenção Psicanalítica na Clínica da Infância e Adolescência, do Instituto de Psicologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian

Porto Alegre

2017

Estava pensando para onde iam os patos quando o lago ficava todo gelado, se alguém ia lá com um caminhão e os levava para um jardim zoológico ou coisa que o valha, ou se simplesmente iam embora voando.

J. D. Salinger, *O apanhador no campo de centeio*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 PERCURSO DA ESCRITA	8
2 ADOLESCÊNCIA: A ORIGEM DE QUEM REMETE	10
3 PAIS: DESTINATÁRIO AUSENTE?	13
4 A SOCIEDADE ATRAVÉS DE UM CARTÃO POSTAL: BREVE E VISUAL	17
5 QUANDO NÃO HÁ RESPOSTA: O ADOLESCENTE DIANTE DO DESAMPARO	21
6 O ADOLESCENTE E O PSICANALISTA: POSSIBILIDADES DE ENCONTRO...	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

A adolescência é um fenômeno historicamente recente que se caracteriza por uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. Esse momento da vida é marcado por incertezas, medos, despedidas e encontros. Ser adolescente é enfrentar um corpo novo, ideais novos e lidar com um mundo que, ao olhar dele, é geralmente injusto. E por vezes é mesmo, de diversas formas.

Calligaris (2000) aponta que o adolescente é um sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos, pela escola, pelos pais, pela mídia, para adotar os ideais da comunidade. Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto. Aprende que, por volta de mais dez anos, ficará sob a tutela dos adultos, preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então, produzindo, ganhando e amando, só que marginalmente.

É durante esse tempo de espera que o laço social se forma e o adolescente se encontra no Outro através de identificações. Amigos, pais, professores e sociedade; o jovem precisa do sentimento de integração e proteção para sentir-se pertencente e então amadurecer. A adolescência acontece principalmente no coletivo. Mas o que se passa quando o coletivo não dá conta dos acontecimentos da adolescência?

Os jovens demonstram esgotamento ao ter de enfrentar as *complicações* que a sua fase, seus pais e a sociedade lhe impõem. Viver a adolescência requer fôlego, principalmente nos dias de hoje. Essa afirmação não se origina de uma posição saudosista que acredita que no passado o adolescente não tinha conflitos. Tinha sim, e muitos; porém, torna-se subjetivamente diferente viver em um momento cultural em que o ideal é se manter eternamente jovem.

A adolescência sempre teve suas próprias questões, mas a sociedade contemporânea lhe demanda novos desafios. Nesse sentido, Kehl (2012) questiona:

Se no tempo de Nelson Rodrigues todos queriam ser velhos; se cada época elege um período da vida para simbolizar seus ideais de perfeição – que lei, moral ou natural, deve determinar os critérios de maturação humana, os padrões de longevidade, o limite para o que podemos exigir ou desfrutar de nossos corpos?

O adolescente está em um lugar que se supõe ser de passagem, mas onde todos querem estar. Nesse cenário, como se dá essa transição se a sociedade de consumo pede, por meio de suas propagandas, que ele não cresça? Como mudar se seus pais se vestem e por

vezes se comportam de forma semelhante à sua? Como acreditar “que isso passa” sem criar sintomas graves como a automutilação e tentativas de suicídio?

A juventude nos informa, através de seus sintomas e interesses, sobre a sua insegurança e sobre o sentimento de solidão tão característico dessa fase, mas que se agrava quando os jovens não encontram figuras que lhe ofereçam proteção e referência. Seja na família, na escola ou na própria sociedade, os adolescentes hoje são alvo de olhares que se alternam entre a extrema preocupação em relação aos atos de risco em que se envolvem e o desejo de que, apesar dos conflitos dessa fase, todos permaneçamos desta forma: jovens, na moda e angustiadamente livres.

Parece incompatível falar de angústia e depressão em uma fase tão idealizada, mas é o que se tem observado nos atendimentos em uma Unidade Básica de Saúde, na qual trabalho, em um pequeno município no interior do Rio Grande do Sul. A procura se dá pelos próprios adolescentes, por sua família e pela escola. Os jovens geralmente chegam melancólicos e esgotados; a família e a escola, em desespero. Os modelos de identificação parecem não suportar os sintomas dessa fase que por vezes não pede por diagnósticos ou medicação, e sim por amparo.

Dar conta de sofrimentos e entrar em contato com suas próprias angústias é tarefa árdua, não importa a fase, pois se trata de um sintoma social moderno. Ser plenamente feliz, nos dias de hoje, é quase uma exigência. Tal situação se agrava ainda mais quando o assunto é a adolescência, que acaba, como diz Calligaris (2000, p. 57), “interpretando e encenando o catálogo dos sonhos adultos”. Ser adolescente e infeliz é incompreensível, porém muito real.

Na escuta diária de pacientes adolescentes, questionamentos surgiram sobre seus desejos, angústias e pedidos de ajuda. É preciso entender a que riscos estão expostos e o que é possível fazer para auxiliar essa fase que pouco fala, mas que está gritando por dentro; que não encontra caminhos através da palavra, precisando muitas vezes provocar lesões em seu corpo para aliviar a angústia ou até mesmo para sentir algo que está embotado em seu interior.

A insegurança natural da fase se alia a um mundo que faz promessas ilusórias de felicidade e oferece poucos modelos de identificação. Todas essas questões fazem com que os sintomas transbordem, e é preciso muita sensibilidade, técnica e empatia para acessar e promover mudanças nessa etapa da vida.

A adolescência apresenta momentos de certa introspecção, rispidez e melancolia que são considerados naturais, pois fazem parte de um processo de elaboração de lutos necessários para que o jovem possa mudar, encontrar novos ideais e crescer. Nesse sentido, Winnicott (1965/2011), que considerava a depressão uma marca da adolescência, nos adverte: “a

sociedade deve encarar esse fenômeno como um dado permanente e tolerá-lo, reagir ativamente a ele, ir de fato ao seu encontro, *mas não deve curá-lo*". E em seguida, indaga: "A questão é: teria a nossa sociedade saúde o suficiente para agir assim?" (p. 125).

Há aproximadamente cinquenta anos, Winnicott já se perguntava se a sociedade conseguiria lidar com a adolescência, que segue apresentando questões atemporais, inerente a essa fase da vida, mas que tem no cenário sociocultural um grande desafio: crescer.

Proponho, portanto, neste ensaio, analisar a condição de desamparo do adolescente associada aos modos de subjetivação da contemporaneidade que se mantêm presentes ao passar do tempo. Para isso, com a intenção de disparar as questões que serão discutidas a partir do trabalho com adolescentes no serviço público em que estou inserida, recorro ao anti-herói, Holden Caulfield, da obra de J. D. Salinger, *O apanhador no campo de centeio*, publicada em 1951, mas que mantém uma proximidade simbólica com o adolescente contemporâneo, auxiliando a identificar as particularidades dessa fase e os sintomas que surgiram devido às transformações sociais.

1 PERCURSO DA ESCRITA

O caminho que se pretende percorrer neste trabalho passa pela clínica psicanalítica dentro do espaço das políticas públicas, através da escrita que remete a casos de adolescentes acompanhados pelo serviço e que refletem a problemática em questão (“adolescência: o risco de crescer”), analisando suas possibilidades de encontro com um Outro que o acolha e promova em si identificações.

Para não inaugurar a escrita em situação de desamparo, como nossos adolescentes às vezes se encontram, e se manter apenas no campo das percepções, o embasamento teórico se faz necessário para dar fundamento e amplitude à discussão. Considerando a literatura pertinente, este trabalho se estrutura também na problematização de casos que apresentam demandas e sintomas essenciais para a identificação da origem do conflito.

Cabe ressaltar que as vinhetas clínicas trazidas são um modo de potencializar a discussão sobre a adolescência, bem como a escolha da obra disparadora, *O apanhador no campo de centeio*. Logo, não se pretende realizar um estudo de caso aprofundado, e sim a identificação de traços semelhantes que amparem a razão desta investigação. Segundo Bernardino (2010), o traço é o que marca a singularidade de um sujeito nos seus diferentes pontos de repetição que se relacionam com sua estrutura clínica e com seus sintomas. Algo se destaca e aponta para um enigma cifrado que convida a uma leitura, assim como no estatuto do sintoma, onde um fato enigmático instiga o clínico a trabalhar, pois o sintoma não é tomado como indicativo de um “transtorno”, mas como fato clínico, algo que pede uma leitura, uma interpretação.

O percurso descritivo deste trabalho se caracteriza pelo ensaio, que oferece a liberdade temática necessária para se discutir questões da subjetividade do adolescente sem a rigidez dos padrões científicos que acabam reduzindo a simbologia, a profundidade e a beleza da escrita. Larrosa (2003) acrescenta:

Parece-me sintomático que no território acadêmico se problematize o método e não a escrita. A imagem dogmática do conhecimento e do pensamento oculta que o que fazemos na maior parte do tempo é ler e escrever. E oculta, supondo que já sabemos ler e escrever que: ler não é senão compreender o pensamento, as ideias, o conteúdo ou a informação que há no texto, e escrever não é senão esclarecer o que já se havia pensado ou averiguado, ou seja, o que já se pensa e se sabe. (p. 108)

O ensaio traz consigo a ideia de uma escrita que envolve diversas áreas , mistura o rigor metodológico da ciência e a subjetividade da arte, possibilitando ocupar espaços no meio

acadêmico para estudos com objetivos significativos, mas escritos de forma mais intensa e delicada, permitindo a singularidade do autor. Larrosa (2003) diz que o ensaio confundiria ou atravessaria a distinção entre ciência, conhecimento, objetividade e racionalidade, por um lado; e arte, imaginação, subjetividade e irracionalidade por outro. O que o ensaio faz é colocar as fronteiras em questão. E as fronteiras, como se sabe, são gigantescos mecanismos de exclusão.

2 ADOLESCÊNCIA: A ORIGEM DE QUEM REMETE

Corri até o portão principal do colégio e aí parei um instante, até retomar o fôlego. Para dizer a verdade, não tenho fôlego nenhum. Primeiro, porque fumo demais – quer dizer, fumava, pois eles me fizeram parar. Segundo, porque cresci dezesseis centímetros e meio no ano passado.

J. D. Salinger¹

Para fazer uma análise adequada desta fase que Freud (1905/1996c) chamava de puberdade, é importante partir do princípio. Onde ela inicia e em que momento o adolescente começa a se sentir *adolescente*, precisando dar conta de novas pulsões em um corpo já crescido, que o faz querer correr sem saber exatamente pra onde e sem entender por que o fizeram parar.

Essa mudança é psíquica, orgânica e social, e se altera a partir da época e da cultura em que o adolescente está inserido. Sobre isso, Jerusalinsky (2003) acrescenta:

Evidentemente, há conotações cronológicas que situam esse estado num momento típico da vida, embora o parâmetro não seja exatamente o mesmo para as diferentes culturas. Porém, em qualquer cultura, há uma passagem entre a infância e a vida adulta que atravessa esse estado de indecisão que convoca a um iminente desfecho. Essa passagem vai do estado de proteção, que caracteriza a infância, ao estado de exposição, que caracteriza o adulto. (p. 1)

Nessa passagem, independentemente de tempo e cultura, é quando o adolescente reconhecerá em si sua sexualidade e tentará obter prazer a partir disso. Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), contesta a opinião popular de que a pulsão sexual estaria ausente na infância, iniciando apenas na puberdade. O autor relata que o que se passa, na verdade, é um redirecionamento da pulsão, que de autoerótica passa a encontrar um objeto sexual.

Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independentemente umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. (p. 196)

¹ Os trechos trazidos no início de cada capítulo se referem à obra de J. D. Salinger, *O apanhador no campo de centeio* (1951).

Ou seja, a obtenção do prazer muda, pois o púbere já vê em seu corpo a possibilidade de pôr em ato seus desejos através do processo sexual, inaugurando também sua capacidade reprodutiva. Junto a isso existe um reencontro do objeto de prazer e a possibilidade de “restaurar a felicidade perdida” (Freud, 1905/1996c, p.210), deixada pelo abandono do seio materno. Porém, assim como a criança chora quando a mãe lhe tira o seio, o adolescente se revolta quando seus pais e a sociedade não lhe permitem acessar esse prazer que é seu por direito, já que está crescendo.

De uma forma biológica, o adolescente está pronto: pode transar, sair sozinho, trabalhar. De uma forma subjetiva, nem sempre. De uma forma social, definitivamente não. Esses impedimentos resultam em inquietações, pois o jovem se vê frustrado ao não poder ocupar esse lugar ativo, de quem produz, de quem pode. Sabe que não é mais criança, e até mesmo seus pais o lembram disso com muita frequência. Ele não é mais criança quando precisa ajudar na faxina da casa, quando precisa se lembrar de seus compromissos sozinho, quando precisa se responsabilizar pelos estudos, mas ainda é criança quando quer sair com os amigos, quando quer fazer sexo ou experimentar bebidas alcoólicas, por exemplo.

A conclusão que permanece para esse jovem é que o meio em que ele vive não permite que ele esteja em acordo com seu corpo. Ao constatar isso, é possível visualizar vários pais já questionando esbaforidos: “Mas então tem que permitir tudo? Sem limites?”. Não. Não se trata de deixar o adolescente desprotegido e desorientado. Essas ações são muito importantes para a constituição do adulto que está por vir. Trata-se de se aproximar da adolescência sem se misturar, entender seus rompantes de raiva, fugas e tristezas, para que a incompreensão não tome grandes proporções. Segundo Melman (1999):

O adolescente considera que não tem mais o direito de participar da realidade; ele se mantém à margem, na medida em que faz esforços consideráveis para recalcar a sua sexualidade. A tendência a querer desinvestir na própria realidade se dá porque ela lhe parece, esta dita realidade, feia e fictícia. (p. 23)

Até aqui, o adolescente atual se assemelha muito à adolescência retratada por J. D. Salinger em 1951. Suas possibilidades e impossibilidades, suas reclamações e indignações. Porém, nesse trabalho árduo de desviar as forças pulsionais e se adequar à sociedade, os destinos se diferem. Principalmente devido ao avanço tecnológico.

Atualmente, o adolescente possui uma vasta quantidade de jogos virtuais e séries de TV voltadas especialmente para ele, e o jovem não deixa de utilizar esses novos mecanismos a seu favor, direcionando a eles sua angústia e seus ideais de felicidade. Essa “saída” perturba

os pais, que veem seus filhos colocando boa parte do seu tempo livre em uma realidade que não é a sua e muitas vezes não compreendem que eles o fazem porque a ficção lhes parece mais fácil e bonita.

O que se vê no serviço público onde trabalham são pais que vivem na incompreensão junto a seus filhos, angustiados pelos jogos de computador, pelas relações virtuais e pelas novas séries de TV que retratam questões da adolescência que ninguém quer olhar.

Relato aqui o caso de uma mãe que veio em busca de atendimento em caráter de urgência. Digo isso, pois ela relatava que precisava de um horário para conversar sobre seu filho, que não tinha como aguardar, já que se tratava de um assunto preocupante e que ela já havia demorado demais para buscar ajuda, e agora temia ser tarde demais. Consegui atendê-la um tempo depois, e ela retornou com o marido, que obviamente não compartilhava da angústia da esposa, mostrando-se despreocupado, ausente e respondendo apenas quando questionado.

A urgência era referente ao comportamento do filho único do casal, que há alguns meses havia apresentado mudanças. O adolescente, de 15 anos, estava questionando a religião da família, dizendo ter se tornado ateu, já que não concordava com o posicionamento da Igreja Católica. Também não queria mais sair com os pais no final de semana, pois achava chato, preferia ficar no computador, onde se relacionava com uma moça de outra cidade e reagia com palavras agressivas quando seus pais ficavam à sua volta.

A mãe, que pretendia investigar através de meios jurídicos quem era a moça com quem o filho conversava não apareceu mais no Serviço após o primeiro atendimento. O afastamento se deu quando a questioneei se identificava sofrimento no comportamento do filho, pois sem identificar tal questão, estaria descrevendo mudanças naturais em relação à idade do rapaz.

Devido ao abandono da usuária, o caso foi levado para a rede, onde foi constatada a mesma busca na escola e na equipe médica. Ambas sugeriram que a equipe de saúde mental acompanhasse a mãe, pois tinham contato com o adolescente em questão, e este estava bem, com bons relacionamentos e rendimentos escolar, apenas pedia ajuda para lidar com os pais. A mãe estava certa, era tarde demais, seu filho já estava crescendo.

Esse caso ilustra as tentativas de aproximação que os pais travam, por vezes de forma desajustada e angustiante, para tentar compreender seus filhos e não deixá-los se afastar. Assim como os adolescentes, os pais utilizam os mecanismos que estão à sua mão: vão até a escola, buscam auxílio psicológico, leem blogs de como lidar com o adolescente, porém não conseguem dar conta de que o filho, mesmo com todos os esforços que tiveram, ainda passará por mudanças e sofrimentos. E é por isso que o próximo capítulo é dedicado a eles: os pais.

3 PAIS: DESTINATÁRIO AUSENTE?

... além disso, meus pais teriam um troço se eu contasse qualquer coisa íntima sobre eles. São um bocado sensíveis a esse tipo de coisa, principalmente meu pai. Não é que eles sejam ruins – não é isso que estou dizendo – mas são sensíveis pra burro.

J. D. Salinger

De fato, pais são, em sua grande maioria, sensíveis. Cuidar dos filhos, da casa, trabalho, não necessariamente nessa ordem, nunca foi tarefa fácil. A escolha de ser mãe e pai se deu, no decorrer da história, de diversas maneiras. Por valores sociais, religiosos e também por amor.

Psicanaliticamente falando, sabemos que, onde há amor, há desejo. Só que este não é fácil de compreender, e muitos pais, quando questionados sobre por que tiveram filhos, não sabem exatamente a resposta. Algumas das versões mais ouvidas estão relacionadas ao medo de ficarem sós na velhice, a promover mudanças no relacionamento, atender ao pedido do filho mais velho que quer um irmãozinho, e, enfim, por um desejo inexplicável de ser mãe ou pai. Não vamos esquecer também os inúmeros “aconteceu” que existem hoje, sintoma de uma sociedade impulsiva que rompe barreiras para alcançar o gozo.

Ter filho é coisa séria. É se propor a mudar e redirecionar afeto e energia para um outro alguém. Ter filhos é, também, *abrir mão*. Segundo Bauman (2004):

Ter filhos pode significar a necessidade de diminuir as ambições pessoais, “sacrificar uma carreira”, como pessoas submetidas à avaliação de seu desempenho profissional olham de soslaio em busca de algum sinal de lealdade dividida. Mais dolorosamente, ter filhos significa aceitar essa dependência divisora da lealdade por um tempo indefinido, aceitando o compromisso amplo e irrevogável, sem uma cláusula adicional “até segunda ordem” – o tipo de obrigação que se choca com essa essência da política de vida do líquido mundo moderno e que a maioria das pessoas evita, quase sempre com fervor, em outras manifestações de sua existência. Tomar consciência de tal compromisso pode ser uma experiência traumática. (pp. 61-62)

Os pais, que junto de seus filhos formam a família moderna, não vêm fazendo essa tomada de consciência e tão pouco abrem mão de algumas metas profissionais ou de seus desejos de consumo para serem pais. Resultado disso? Creches superlotadas que recebem crianças com meses de idade, mães que interrompem a amamentação antes do indicado, pois retornam ao trabalho cedo e com a mesma carga horária, pais que estão os três turnos fora de casa para dar mais *condições* ao seu filho. Vive-se uma corrida desenfreada pelo gozo de ter,

necessidade esta sem significação interna, favorecida por uma sociedade capitalista que valoriza o que temos e não o que somos e que marca o desencontro atual entre pais e filhos.

O lugar de quem cuida e instrui está vago, pois os pais não se sentem aptos para ocupar tal lugar, se sentem subjugados, em constante falha e pedem ajuda para realizar tal função, garantir a plena felicidade do filho sem que tenha que abrir mão de muitas coisas. Nesse cenário, pode-se constatar um vazio na função paterna, e na falta desta, quem se apresenta é o social, que em sua fragilidade não dá mais conta de oferecer sustentação. O vazio e a insegurança marcam as relações atuais, e com isso, o adulto se desautoriza de sua função em relação aos filhos e assume uma posição insegura, *sensível* até demais e de pouca referência.

Em 1938, Jacques Lacan propôs uma definição para o verbete “família”, a fim de participar de uma enciclopédia francesa. Lacan ali diz que a família tem uma dupla função biológica: garantir a geração e a sobrevivência dos jovens; mas sua função fundamental, segundo ele, que justificaria a sua existência enquanto instituição seria a *transmissão da cultura*. Logo, para poder transmitir, é preciso que o outro o tenha em uma posição de suposto saber, de quem tenha algo a ensinar, caso contrário, está transmissão não ocorrerá. Bernardino (2008) acrescenta:

Se a alta modernidade, que hoje impera, traz como suas principais características o questionamento da tradição; o declínio efetivo da função paterna; a mudança dos papéis sociais de homem e de mulher que, por sua vez, altera o exercício das funções parentais; o deslizamento a que assistimos, do ponto de ancoragem da cultura, que passa da palavra para a imagem, será que a família do século XXI ainda está em condições de garantir sua função, segundo a concepção lacaniana, de transmitir a cultura e de presidir as operações psíquicas básicas, necessárias para a constituição do psiquismo de seus rebentos? (p. 8)

Essa discussão também se dá no campo da adolescência, onde os jovens se mostram incapazes de considerar os pais como sujeitos que poderiam lhe oferecer proteção e organização. Para os adolescentes, principalmente aqueles que buscam auxílio nos serviços de saúde mental, seus responsáveis não dão conta de ouvir sobre as suas dores, entram em crise junto com eles. Os pais de hoje são grandes amigos, grandes “compensadores”, e seus filhos estão em posição de igualdade e semelhança.

Essa horizontalidade nas relações é o resultado de uma função parental fragilizada, ausente e insegura, de quem não quer ocupar o lugar de alteridade, pois há muito o que assumir. É preciso trazer o filho para perto, transferir minimamente o olhar direcionado ao objeto para si e enfrentar a dureza de uma fase cheia de mudanças, sem se misturar.

Posicionar-se enquanto adulto é transmitir simbolicamente ao adolescente que “isso passa”, que tem saída, mas para isso, é preciso assumir tal função e lidar com todos os desafios impostos a ela.

Tal tarefa é essencial, porém árdua, pois atualmente a autoridade está em falência, nada mais parece confiável, tudo muda muito rápido, ninguém mais parece estar apto para ocupar o lugar que transmite a lei. Enfrenta-se atualmente um declínio da função paterna enquanto fundador da lei simbólica, assim como a dissolução dos grandes códigos de conduta que governam a sociedade.

Lustoza, Cardoso e Calazans (2014) afirmam que pais, professores, líderes políticos, enfim, todos os outros suscetíveis de ocupar um lugar especial nas séries psíquicas inconscientes, passaram a ser alvo de uma crítica que não deixa ninguém de fora. O que existe é uma grande dificuldade de acreditar que um pequeno outro qualquer mereça ser catapultado ao lugar de grande Outro.

Em meio a grandes mudanças, à imagem de uma sociedade frágil que não inspira confiança e de pais que não sustentam sua posição, o adolescente sente-se em desamparo, questionando a vantagem de crescer e ocupar um lugar social. Corso (2017) acrescenta:

E se a vida adulta fosse um lugar para onde ninguém quer migrar? E se nosso presente fosse um futuro que ninguém quer ter para si, nem nós? Há um rumor de que muitos dos que são hoje adolescentes correm o risco de desistir da vida antes de virar adultos. O medo de que esteja ocorrendo uma espécie de epidemia suicídio de jovens, similar ao mito do suicídio de lêmings, diz muito dos adultos que os trouxeram ao mundo e dos que ocupam-se deles enquanto terminam de crescer. Talvez, para os mais velhos, seguir adiante, deixando a adolescência para trás, esteja equivalendo a morrer.

Entre a adolescência e a vida adulta existem muitos embaraços e muitas dificuldades. As crises estão em ambas as fases. Para o adolescente o futuro é incerto, mas para a sociedade este ainda pode voar; já para o adulto, sem apoio social, parece duro ocupar tal lugar. J. D. Salinger, em *O apanhador no campo de centeio*, traz à tona essa discussão através de um diálogo entre seu personagem adolescente e um motorista de taxi adulto, que nos remete a esse conflito:

- Bom, sabe aqueles patos que ficam nadando nele?² Na primavera e tudo? Será que por acaso você sabe para onde eles vão no inverno?...
- Os *peixes* não vão pra lugar nenhum. Ficam lá mesmo onde estão, os peixes. Na droga do lago mesmo.
- Com os peixes é diferente. Aí são outros quinhentos. Tou falando dos *patos*.

² Nesse trecho, o personagem se refere ao lago do Central Park, em Nova Iorque.

– O quê que é *diferente* com eles? Não vejo *nada* de diferente.... E continuou: – É muito pior pros *peixes*, no inverno e tudo, do que pros patos, não vê logo? Usa a cabeça, poxa! (p. 100)

Assumir as mudanças e dificuldades da vida adulta requer amadurecimento e coragem, para que seja possível gozar de tal posição sem tamanho sofrimento. Talvez assim o inverno seja mais ameno e seja possível repassar aos mais jovens uma perspectiva de um futuro suficientemente bom e seguro, pois eles pedem com sintomas que seus pais e adultos de referência saiam da *Terra do Nunca* e mostrem o caminho, pois estão se sentindo *meninos perdidos* sem ninguém que os ajudem a crescer.

A família precisa fazer sua função, mas esta nunca foi tão difícil e solitária, pois o campo social não oferece mais constância e seguridade suficientes para garantir uma organização psíquica. Em uma “modernidade líquida” (Bauman, 2001), precisa-se urgentemente de relações sólidas. A adolescência reage a essas mudanças sociais, e para identificar se alguma coisa precisa ser mudada, é necessário primeiro saber como ela acontece, analisando a estrutura social em que estamos inseridos, suas exigências, incentivos e consequências.

4 A SOCIEDADE ATRAVÉS DE UM CARTÃO POSTAL: BREVE E VISUAL

“Desde 1888 transformamos meninos em rapazes esplêndidos e atilados”. Pura conversa fiada. Não *transformam* ninguém mais do que qualquer outro colégio. E não vi ninguém por lá que fosse esplêndido e atilado. Talvez dois sujeitos, se tanto. E esses, com certeza, já chegaram lá assim.

J. D. Salinger

O adolescente, por si só, é um grande crítico social. Acredita desacreditando e confia, geralmente, em quem se mostra “na real”, sem atuações, sem “hipocrisia”. Quem trabalha com a adolescência sabe que a dúvida quanto à veracidade do que o outro apresenta está sempre em questão: “Meu pai me deu aquele chocolate só pra me comprar”; “Minha mãe dramatiza demais”; “Tá todo mundo fingindo que tá bem, mas não tá”. Para o adolescente, é muito fingimento, muita atuação, ainda se sente na plateia da vida e com frequência se questiona se quer fazer parte do *show*.

De uma forma ambivalente, o jovem busca se posicionar socialmente. Ora com críticas fortes transformadas em rimas, grafites e vídeos autorais, ora buscando inclusão em grupos que possam lhe garantir um lugar para chamar de seu, já que em sua família ele perdeu sua posição infantil e ainda não lhe foi dada outra em seu lugar. Segundo Melman (1999), o jovem perdeu a pertinência fálica que o sustentava, pois se sabe que uma criança dentro de sua família possui o estatuto de falo, porém, como ele não é mais criança, perdeu esse estatuto e ainda não encontrou um outro, pois esse lhe é recusado.

Sua identidade sexual não lhe é reconhecida e sua posição social é, no mínimo, confusa, pois está em *stand by*, aguardando orientação e aval de uma sociedade que devido à sua estrutura capitalista, obriga o jovem a cada vez mais permanecer na condição de “adolescente”, afastado das decisões e responsabilidades da vida pública e dependente de sua família. Segundo Kehl (2012), essa longa crise que alia o tédio, a insatisfação sexual sob alta pressão hormonal, a dependência em relação à família e a falta de funções no espaço público, acabou por produzir o que as pesquisas de *marketing* definem como uma nova fatia do mercado. Com isso, o jovem passa a ser considerado cidadão porque virou consumidor em potencial. Quer maior atuação que essa?

Ser desejado por sua beleza e acolhido por ser um grande consumidor, o vazio dessa constatação representa a era moderna com a qual a adolescência se depara. A sociedade não garante mais a constituição da identidade e pouco valoriza questões de subjetividade. Nada simbólico parece se sustentar, tudo parece estar reduzido a um consumismo exacerbado e

relações frágeis, que por sua vez geram sofrimento e epidemias de diagnósticos que promovem, como solução de uma sociedade pautada no consumo, excesso de medicação e pouco valor da palavra.

Para sobreviver nesse cenário, o adolescente procura espaços para a sua própria subjetividade, travando relações com seus semelhantes e tentando sustentar seu eu enquanto busca identificações e reconhecimento. Essa busca também foi retratada no romance de J. D. Salinger, que mostra as inúmeras tentativas de Holden ao sair de seu colégio à procura de um encontro com alguém que o entenda, ampare e o escute, ou que ao menos sinta a mesma indignação em relação às questões do mundo.

É importante destacar que para iniciar e permanecer nessa jornada é preciso muita energia e motivação. Não é à toa que os jovens estão sempre cansados e por vezes deprimidos, pois buscam nas relações o sentimento de pertencimento, e nem sempre encontram o que procuram. Porém, o que diferencia o jovem moderno do jovem pré *boom* tecnológico são os mecanismos que eles utilizam para travar esses encontros, antes mais raros e íntimos, e hoje, frequentes porém distantes, ou, pode-se dizer, em *rede*. Quanto a isso, Bauman (2004) acrescenta:

Como apontou Ralph Waldo Emerson, quando se esquia sobre gelo fino, a salvação está na velocidade. Quando se é traído pela qualidade, tende-se a buscar desforra na quantidade. Se “os compromissos são irrelevantes” quando as relações deixam de ser honestas e parece improvável que se sustentem, as pessoas se inclinam a substituir as parcerias pelas redes. Feito isso, porém, estabelecer-se fica ainda mais difícil (e adiável) do que antes – pois agora não se tem mais a habilidade que faz, ou poderia fazer, a coisa funcionar. Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade. (p. 13)

Lembro-me de um diálogo com uma mãe muito angustiada por sua filha estar conversando pela internet com pessoas de outras cidades e que nunca havia visto antes. “Ela tem mais de mil amigos no Facebook e não faz ideia de quem são essas pessoas”, dizia a mãe, preocupada. A adolescente, que por sua vez era atendida no serviço, demonstrava grande investimento e importância por tais relações, dizendo muitas vezes que era tudo o que tinha, já que suas amigas na escola não eram de confiança e só lhe traziam decepções. O conceito de proximidade se alterou rapidamente, seja pela falta de habilidade das pessoas, pouca profundidade das relações ou até mesmo pela facilidade do afastamento; estar perto, hoje, não se trata mais de envolvimento e sim de conexão.

Freud (1930/1996b) afirma, em seu texto *O mal-estar na civilização*, que nossos instintos são induzidos pelo social a deslocar as condições de sua satisfação, a conduzi-las

para outros caminhos. A adolescência encontrou o seu através da rede, onde muito lhe é permitido. Snapchat, Instagram, Facebook, Twitter, WhatsApp, sem contar os inúmeros jogos e séries voltados para a juventude. A sociedade atual é, principalmente para o adolescente, faltosa e inconsistente, porém lhe fornece um mundo de ilusões exclusivo. É compreensível que o jovem aproveite o que lhe é ofertado.

Para os pais, esse é um assunto delicado. O desconhecido assusta uma geração que aprendeu a se encontrar com o outro de outra forma.

No interior do Rio Grande do Sul, é muito comum ouvir dos mais velhos a seguinte questão: “Mas de que família você é?” Precisam saber a origem, encontrar a proximidade. Para o jovem isso pouco importa, o que lhe interessa é saber se a pessoa *está aí*, disposta e *online* para lidarem juntos com o desconhecido e então se aproximarem, à sua maneira.

Essa mudança não evidencia apenas as novas formas de relação, mas sim como acontece atualmente a *produção de identidade*. Antigamente, a família e o lugar de onde se vinha eram fundamentais para afirmar quem se era e definir então a sua identidade. Atualmente, o poder da instituição família mudou, a tradição foi quebrada e o social consegue dar apenas um lugar de consumo ao jovem, deixando-o por sua conta, literalmente, já que é por meio de *contas online* que o adolescente define hoje quem ele é. Sobre essa falha da sociedade, Birman (2017) complementa:

Antes de mais nada, é preciso reconhecer que a derrocada da sociedade tradicional demoliu com os meios sociais de produção de *identidade*, que constituíam as subjetividades por delegação antecipada. Com isso, estas devem forjar agora um projeto identitário que não é mais dado como anteriormente, mas produzido por um complexo processo de escolhas, aderências e adesões. A ruptura das formas antecipadas de produção identitária, promovidas como invariantes pela tradição, lança as subjetividades no abismo do desamparo. Este é um resíduo maior produzido pela quebra de tradição, a partir da qual um sujeito deve se constituir inapelavelmente com os seus próprios meios. (p. 27)

Atualmente, existe uma crise social em que todos somos afetados. Essa crise é marcada pela ausência da lei simbólica que garante ordem e seguridade, gerando mal-estar. Para a adolescência, a vulnerabilidade de estar em desamparo se torna ainda mais grave, pois se trata de um período de transição e de significação pessoal, onde elaborações dos lutos deverão acontecer para ser possível se constituir enquanto sujeito adulto.

Para que não viva em expressivo sofrimento, o adolescente precisa poder endereçar sua angústia e saber que esta será acolhida para então promover algum deslocamento dessa condição. Precisa saber que encontrará seu lugar, que superará suas perdas e que será possível pensar em um futuro. Esse processo é complexo e atualmente não são poucos os casos de

jovens que buscam atendimento apresentando sintomas nessa fase: paranoia, melancolia, lesões autoprovocadas. O sofrimento é grande e o vazio é difícil de suportar.

Para compreender essa fase, faz-se necessário entender os processos de luto da adolescência, a busca do jovem contemporâneo por consistência e modelos de identificação, para então ser possível compreender a amplitude de seu sofrimento.

5 QUANDO NÃO HÁ RESPOSTA: O ADOLESCENTE DIANTE DO DESAMPARO

Aí, de repente, começou a acontecer um negócio um bocado fantasmagórico. Cada vez que eu chegava ao fim de um quarteirão e descia o meio-fio, tinha a sensação de que nunca chegaria ao outro lado da rua. Pensava que ia caindo, caindo, caindo, e nunca mais ninguém ia me ver. Puxa, fiquei apavorado pra burro. Ninguém imagina o medão que me deu.

J. D. Salinger

Quem consegue lembrar, sabe que os anos da adolescência não são fáceis de enfrentar. Grandes alterações físicas, desejos sexuais ainda pouco compreendidos, mudanças emocionais, revoltas em relação a leis antes fáceis de acatar, e a presença de uma constante busca por si mesmo. Os jovens passam por várias fases, são *dark*, *punk*, *pop*, questionam a religião, não compreendem a tradição e seguem, até se encontrarem, alguns anos mais à frente, em um estado de ser mais seguro e consistente.

Durante essa transição muitas questões tramitam na mente e no corpo do adolescente. Ele precisa decidir como quer se vestir, à que tribo pertencer, como irá se relacionar e se realmente vale a pena burlar as leis dos pais. Enfim, é muita coisa para pensar. Todas essas decisões se ligam ao íntimo do jovem que pela primeira vez na vida precisa demarcar sua identidade a partir das próprias escolhas – se curte *rock* ou sertanejo, se mostra seu corpo ou o cobre inteiro com roupas pretas que avisam: “Nem me olha”. Essas escolhas e mudanças fazem parte do crescimento, são por vezes inconstantes, cansativas e vêm acompanhadas por um processo de luto necessário para rearranjar traços da infância e ir em direção ao mundo adulto.

Freud (1917/1996a), em seu texto *Luto e melancolia*, afirma que o luto é uma reação às perdas que ocorrem em nossas vidas, sejam elas reais ou ideais. Também vale ressaltar que por mais que o luto envolva graves afastamentos daquilo que se constitui a atitude normal para com a vida, Freud não acredita que se trate de uma condição patológica, e sim de um processo libidinal necessário para ser possível a elaboração das perdas.

O teste da realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. Essa exigência provoca uma oposição compreensível – é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já lhes acena. (p. 250)

Durante a adolescência, o que os jovens mais fazem é abandonar sua posição libidinal, não podem ser mais crianças, logo precisam encontrar seu lugar para então poder gozar dessa nova posição. Tal substituição não precisa se dar com demasiado sofrimento, porém, para isso acontecer, o adolescente precisa encontrar referências que lhe orientem e um ambiente familiar/social suficientemente bom para amadurecer. Caso contrário, a busca pela reafirmação de sua identidade encontrará grandes obstáculos, e assim como Holden, o adolescente também não saberá se conseguirá atravessar essa etapa, correndo o risco de se sentir desaparecer.

Relato aqui o caso de uma adolescente de 13 anos que atendi durante aproximadamente um ano. Esta veio ao serviço através da mãe, que estava preocupada pelo fato de a filha retomar com frequência o assunto sobre a perda de um amigo da mesma idade, falecido anos antes em um acidente de carro. Durante os primeiros atendimentos, a adolescente apresentava um estado melancólico, alimentando-se mal, precisando dormir com os pais e sentindo-se incapaz de lidar com as questões do mundo.

Freud (1917/1996a) explica que, diferentemente do luto, a melancolia está relacionada a uma perda mais ideal e inconsciente, exibindo ainda outra questão que está ausente no luto, uma diminuição extraordinária da autoestima, um empobrecimento do ego em grande escala. Esse quadro de delírio de inferioridade é marcado por uma superação do instinto que compele todo ser vivo a se apegar à vida.

A adolescente em questão, além de apresentar esse desinvestimento em relação a si, trazia em seu discurso uma grande preocupação: a de ser esquecida. Após algum tempo, ela conseguiu dar significado à sua dor voltada à perda do amigo. Dizia que o que achava realmente triste em morrer era que a pessoa partia, sumia e aos poucos era esquecida: “Não tem nada mais triste que isso”. Com esse medo e com seu ego empobrecido, a jovem não conseguia mais dar conta do relacionamento com seus pais e amigos, mas ainda tinha energia para travar diálogos sobre filmes que envolviam a partida para outro mundo: *As crônicas de Nárnia*, *Peter Pan*, *Alice no País das Maravilhas*. As três histórias traziam protagonistas que iam a outros mundos, tinham grandes aventuras e depois retornavam à sua realidade.

A adolescência por vezes quer fugir, sente-se desvanecer, mas não quer se retirar. Os jovens pedem ajuda para poder ficar e aproveitar seu próprio mundo, mas está claro que sozinhos isso não será possível. Se permanecerem em desamparo, as tramas mudam, a ideia de partida não vem com o desejo de retorno, e de *Nárnia* passamos para séries como *13 Reason Why (Os 13 porquês)*, lançada este ano pela Netflix.

A série discute a questão do suicídio e teve grande audiência pelo público adolescente, resultando em um grande alarde social e pais extremamente preocupados. Assim como diz Diana Corso (2017), a série não tem o poder de ser uma espécie de Flautista de Hamelin, cuja melodia levaria todos os jovens a cometer suicídio. Realmente não se trata disso. A série discute sobre as fragilidades de uma época difícil, inseguranças, *bullying*, conflitos e trás um questionamento importante: o adolescente sente que tem a quem recorrer?

Esse é um questionamento que os adultos precisam fazer. O ideal social, como já visto, não faz uso do navio do Capitão Gancho, que traria o adolescente de volta a seu tempo para que então possa crescer, porém, apesar dos agravos sociais e as fragilidades das relações, esse crescimento irá acontecer, com maior ou menor grau de sofrimento. Para isso é preciso poder dar o que os adolescentes tanto solicitam, um olhar amoroso que acalente seu estado contínuo de desamparo. Esse desejo juvenil é algo inerente à adolescência, e assim como para os jovens de hoje, J. D. Salinger descrevia as mesmas necessidades em seu protagonista Holden. Visto isso, é possível fazer uma ligação de seu nome, Holden, com o conceito de *holding* de Winnicott.

O *holding* (segurar) é descrito por Winnicott (1965/1983) como uma fase em que a mãe ou a substituta protege, cuida e se sensibiliza pelas questões do bebê para então significar não apenas o segurar físico de um lactante, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com*. É poder dar um algo a mais.

Não é difícil trazer essa discussão para o campo da adolescência, não apenas porque esta possui reedições da infância, mas por que também os adolescentes pedem por cuidados. Precisam de pessoas que tenham esse algo a mais para oferecer e que se autorizem a fazê-lo, pois, afinal, viveram mais, logo possuem mais experiência de vida e, quem sabe, a chave para sair desse desamparo juvenil. Kehl (2012) diz: “A experiência, assim como a memória, produz consistência subjetiva”. Essa sustentação não apenas estrutura a relação do sujeito adolescente com o Outro, mais lhe dá recursos internos, formas de representatividade simbólica e enriquecimento de seu discurso, dando-lhe caminhos para sair do ato e das somatizações.

A identidade do jovem, cada vez mais, está inscrita em seu corpo – quando quer demarcá-lo como seu através de tatuagens, por exemplo, ou até mesmo quando não se faz possível representar sua dor através da palavra, resultando em ato o que o psiquismo não da conta de elaborar. Violência, drogas, lesões autoprovocadas, a adolescência está cheias dessas manifestações que lotam os consultórios e serviços de saúde/assistência.

Essa demanda faz pensar na grande responsabilidade dos psicanalistas e de outros profissionais da saúde para com a adolescência. Sua função é ampla, pois não oferta apenas um espaço ao jovem, mas também promove formas de representações simbólicas, enriquece o discurso através da linguagem que estabelece o laço social e cria a relação do sujeito com os significantes. Uma posição importante que, com o envolvimento do paciente, provocará mudanças de rumo diante da descoberta de si e do outro. Lacan (1957/1998, p. 531) coloca em palavras o valor dessa relação: “É que ao tocar, por pouco que seja, na relação do homem com o significante [...] altera-se o curso de sua história, modificando as amarras de seu ser”.

Para compreender esse laço, o próximo capítulo investiga a relação entre o psicanalista e o adolescente, e de que forma a comunicação entre ambos acontece, já que o jovem claramente não quer que o entendam, mas sim que lhe auxiliem a viver enquanto busca por seu lugar e encontra meios para crescer.

6 O ADOLESCENTE E O PSICANALISTA: POSSIBILIDADES DE ENCONTROS

Uma porção de gente, principalmente esse cara psicanalista que tem aqui, vive me perguntando se vou me esforçar quando voltar para o colégio em setembro. Na minha opinião, isso é o tipo da pergunta imbecil. Quer dizer, como é que a gente pode saber o que é que vai fazer, até a hora em que *faz* o troço? A resposta é: não sei. *Acho* que vou, mas como é que eu posso saber? Juro que é uma pergunta cretina.

J. D. Salinger

Segundo Winnicott (1965/2011), o menino e a menina adolescentes não querem ser entendidos. Mesmo em sofrimento, eles sabem que a saída para sua angústia requer tempo e envolvimento, questões que podem não lhes interessar em um primeiro momento. O analista que trabalha com a adolescência, seja no consultório, escola ou rede pública de assistência e saúde, provavelmente já sentiu essa resistência e foi remetido pelo jovem a uma posição “cretina”, “idiota”, de quem não compreende nada. Rassial (1999) escreve sobre tal recusa:

O trabalho do analista, fundado na relação transferencial, confronta-o com uma dificuldade imediata, que ele compartilha sem dúvida com todo profissional que tem que lidar com adolescentes: se a adolescência é realmente o momento do trabalho de luto da “compreensão dos adultos”, o analista deve, desde o início da cura, aceitar que um dia vai ter que ser rejeitado pelo adolescente, não como um inimigo, mas como um sujeito qualquer... (p. 159)

O adolescente coloca em jogo o efeito do discurso do analista enquanto sujeito suposto saber. Isso se deve às dúvidas do jovem em relação ao lugar de onde o profissional fala e que posição ocupa em sua vida, mas também devido a um sintoma social que questiona a tradição e promove o declínio da função paterna não simbolizando a relação com o Outro. Com isso, torna-se um desafio para o analista travar uma comunicação com essa fase que em muitas situações constrói seu discurso de forma indireta ou através de outros meios, além da fala.

O profissional precisa estar preparado para jogar o jogo da transferência com o adolescente, pois o jovem duvida de sua capacidade de fazer parte do mundo e por vezes se ensaia em lidar com suas questões internas, mas não se autoriza a falar diretamente de si para o outro, precisa de um desvio, um certo distanciamento para se apropriar do que é seu.

Nesse sentido, é possível compreender as poucas palavras do adolescente para falar de si, pois a fala é considerada como uma relação direta entre dois sujeitos, pede uma proximidade que o jovem ainda não consegue oferecer. Já a escrita permite a ausência do outro, inaugura um espaço e promove a invenção de uma marca. Kanaan (2002) relata que:

A escrita surge antes da fala. Essa tese se fundamenta na própria etimologia da palavra escrita, que quer dizer “gravar, fazer uma marca”. Assim, as pegadas indicavam a presença de determinados animais, a passagem de alguém. A escrita tem origem, sobretudo, no reconhecimento visual da marca. (p. 77)

Relato aqui o caso de uma adolescente que veio em busca de atendimento através da irmã, dois anos mais velha e única pessoa que conseguia notar as suas marcas. Desenhos, poesias, cortes nos braços que aliviavam a tensão de uma relação familiar conturbada. Riscos no papel, riscos no corpo.

A jovem advertia: “não quero pensar sobre...”, era duro demais e, além disso, sentia que ninguém realmente se importava. Em certo dia, após algumas sessões, ela aparece com um livro grande, enfeitado e enlaçado por uma fita preta, quase como um aviso de “cuidado, conteúdo perigoso”. Pergunto em determinado momento o que era aquilo que tinha trazido consigo, e ela responde dizendo que era nada, que estaria levando a pedido de alguém que encontraria após o atendimento. Olho para ela e pergunto: “Posso ver?”. E ela sem demora retira o laço preto e me entrega. O livro, que continha inúmeros desenhos sobre a sua vida, ilustrava ora histórias de terror ora histórias de amor.

As próximas sessões se seguiram conosco desbravando todos os contornos, cores e sombreamentos que continham em seus desenhos. A adolescente, surpreendida com o tempo dedicado aos seus traços, diz ao fim de um atendimento: “Ninguém nunca olhou realmente para isso... Minha mãe sempre diz que é bonito, mas faz isso em um minuto”. Sua mensagem foi entendida, havia muito para o que se olhar, muito para se construir. Aos poucos, fomos transformando seus riscos em marca, em um estado de ser.

A grande questão do adolescente é a apropriação de sua própria vida, o entendimento de sua condição desejante e faltante, é criar meios para lidar com o mundo à sua volta que por vezes o decepciona com promessas vazias. Precisa dar-se conta de sua individuação, com todos riscos e benefícios que envolve essa posição. Corso (2001) diz que é “algo como quando aprendemos a andar de bicicleta: um belo dia olhamos para trás e percebemos que não tem ninguém segurando, então muitas vezes caímos, embora nosso equilíbrio até então fosse bom” (p. 11). O adolescente, em meio a tombos e trocas de marchas, irá encontrar sua forma de equilíbrio, se reconhecerá enquanto sujeito e traçará seu caminho.

Sobre essa passagem, e a diferença significativa da etapa adolescente em relação à vida adulta, Rassial (1999) relata:

Sem a análise e salvo exceções, a adolescência “passa por si só”, passa em direção a um devir adulto, certamente acompanhado de um recalçamento, mas em direção a uma

normalidade socialmente aceitável. Paradoxalmente, o analista seria aquele que permitiria ao adolescente não se tornar um adulto “normal”. (p. 172)

O papel do profissional é auxiliar o jovem na busca por sua singularidade, promover o encontro consigo mesmo e traçar junto a ele a direção segura de um futuro, enquanto vive a tão demorada adolescência. É garantir que os patos, antes de aprenderem a voar, estarão seguros em seu lago para que então algum dia possam fazer sua tão esperada migração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de juventude hoje é elástico, e o adolescente vive em uma longa jornada em busca de reconhecimento. Não quer somente ser visto, quer ser lembrado e considerado. Reclama por sua autonomia, mas também precisa de trocas para estar seguro, para se sentir pertencer. Enfrentar sozinho não é uma opção agradável, pois o encontro consigo mesmo passa pelo outro, e é por isso que endereça tantos pedidos a quem está à sua volta.

Precisa que os amigos permaneçam, que perdoem seus rompantes, suas indecisões, pois é muito difícil dar conta da solidão quando o outro que te completa se afasta. Precisa que a sua turma o aceite, que o menino ou menina bonito(a) o ache atraente, precisa ser bom em alguma coisa. Futebol, matemática, em dar risada dos outros ou quebrar as leis. Precisa ser reconhecido como alguém para ocupar um lugar que ainda não sabe que é seu.

Precisa saber que é filho, que ainda não sabe tudo, mas que vale a pena buscar saber. Que seus pais trabalham muito, que têm problemas, que se angustiam, mas que também são felizes, e que pode contar com eles para entender o que é ser um adulto. Que estudar, trabalhar e ter família vale a pena, e que não se trata apenas de um monte de “incomodação”. Acima de tudo, precisa poder se corresponder com esses pais, com longas cartas, olhares breves ou conversas simples que possam oferecer conforto e proximidade.

A função de transmitir a cultura cabe principalmente a eles, os pais, e essa responsabilidade é fundamental para não deixar o adolescente às margens de uma vida que não lhes parece nada interessante. Essa função equivale a de um colete salva-vidas. Nós o utilizamos quando queremos ir a águas profundas ou turbulentas e mesmo que já saibamos nadar, sabemos que é perigoso ir sem algo que nos sustente ou nos dê segurança. Com o colete pode-se aproveitar esse novo lugar, conhecê-lo e decidir quando é à hora de ir por si só ou buscar outro local onde a profundidade e a correnteza permita a estabilidade desejada. O colete, assim como os pais, possibilitam mudanças seguras.

Essa função é importante, pois as novas experiências da adolescência se darão em águas agitadas, com movimentos frenéticos que geram a sensação de um constante desconhecimento, e é nesse meio que o jovem precisa se descobrir e crescer. Usar o colete e depois aprender a nadar.

Quando essas trocas não ocorrem, seja pelo lugar vazio deixado pelo adulto que quer permanecer jovem ou pela crise cultural contemporânea e sua liquidez, efeitos negativos resultarão sobre a subjetividade do adolescente, gerando sintomas e sofrimento. Esse

desamparo é resultado da falta do Outro, da falta da seguridade em amplos aspectos. É endereçar e não saber se terá retorno.

Cabe ao analista oferecer essa resposta. Sua função é ajudar o adolescente a largar o colete e nadar sozinho, é fazê-lo compreender um pouco mais sobre para onde está indo e então construir um discurso que faça valer sua vida. No fim, é disso que se trata a questão do adolescente: fazer o futuro valer, a ponto de querer crescer.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bernardino, L. M. F. (2010). O traço do caso na clínica psicanalítica com crianças e adolescentes. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 38, 20-28.
- Bernardino, L. M. F & Kupfer, M. C. M. (2008). A criança como mestre do gozo da família atual: desdobramentos da “pesquisa de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil”. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 8(3), 661-680.
- Birman, Joel. (2017). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Corso, D. (2001). Anotações sobre a clínica com adolescentes. *Correio da APPOA*, 91, 7-12.
- Corso, D. (2017). *13 razões para morrer em vez de crescer*. Recuperado de <http://www.marioedianacorso.com/13-razoas-para-morrer-em-vez-de-crescer>
- Freud, S. (1996a). Luto e melancolia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 249-252). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1917)
- Freud, S. (1996b). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, p. 105). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1930)
- Freud, S. (1996c). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 196-210). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1905)
- Jerusalinski, A. N. (2004). Adolescência e contemporaneidade. In A. Mello, A. L. S. Castro, & M. Geiger (Orgs.), *Conversando sobre adolescência e contemporaneidade* (pp. 54-65). Porto Alegre: Libretos.
- Kanaan, D. A. (2002). *Escuta e subjetivação: a escrita de pertencimento de Clarice Lispector*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kehl, M. R. (2012). A juventude como sintoma da cultura. Recuperado de <http://coordenacaopedagogicaced4guara.blogspot.com.br/2012/04/juventude-como-sintoma-da-cultura-maria.html>. Artigo originalmente publicado In R. Novaes & P. Vannuchi (Orgs.), 2004. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 89-114). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

- Lacan, J. (1987). *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1938)
- Lacan, J. (1998). Instância da letra no inconsciente ou a Razão depois de Freud. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho originalmente publicado e 1957)
- Larrosa, J. (2003). O ensaio e a escrita acadêmica. *Revista Educação & Realidade*, 28(2), 101-115.
- Lustoza, R. Z., Cardoso, M. J. d'E., & Calazans, R. (2014). “Novos sintomas” e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17(2), 201-213.
- Melman, C. (1999). O que é um adolescente? *Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões. O adolescente e a modernidade*. p. 21-29.
- Rassial, J. J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Salinger, J. D. (2016). *O apanhador no campo de centeio*. Rio de Janeiro: Editora do Autor. (Trabalho originalmente publicado em 1951)
- Winnicott, D. W. (1983). O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho originalmente publicado em 1965)
- Winnicott, D. W. (2011). A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1965)